



MENCIONE-SE, PUBLIQUE-SE
E EXPEÇA-SE

07/04/2005

Requerimento Nº 61 /X/1ª - AC

Casa de Almeida Garrett

1. Um grupo de cidadãos dirigiu à Câmara Municipal de Lisboa, ao Instituto Camões e ao IPPAR uma petição para salvar da demolição a casa onde Almeida Garrett viveu e morreu, em Lisboa. Nessa petição, salientava-se que a destruição dessa casa, nos nº 66 e 68 da Rua Saraiva de Carvalho, teria consequências graves, nomeadamente a perda da oportunidade de ser criada em Lisboa uma casa-museu de Almeida Garrett. Por isso solicitavam à Câmara Municipal de Lisboa que anulasse a autorização de demolição já concedida, que classificasse o edifício como património de interesse concelhio e que promovesse a utilização da casa como espaço cultural condizente com a vida e obra de Garrett.

2. Vida e obra das mais extraordinárias. A biografia de Garrett confunde-se com a História de um século que ele marcou como ninguém. E o seu destino é singularíssimo, porque rima com o destino do seu próprio país. A escrita e a vida nele são inseparáveis.

3. Formado em leis em 1822, mas impedido de seguir a carreira de magistratura judiciária por ainda não ter a idade requerida, Garrett entra para a Secretaria de Estado, com o intuito de vir a ser, como diz, "empregado na diplomacia". É nessa altura que se fixa em Lisboa, embora, conforme confessa, "nem as suas novas obrigações, nem as distrações da capital pudessem impedi-lo de se ocupar de literatura".

4. Por duas vezes trilhará os caminhos do desterro. Como aconteceu com muitos outros portugueses exilados e errantes, em outras épocas históricas, é no desterro que Garrett e Herculano vão de certo modo descobrir e repensar Portugal. É aí que, sob a influência do romantismo inglês, eles fundam o romantismo português. Como escreveu Teófilo Braga: "Todas as manifestações do grandioso vulto de Garrett são iluminadas pelas crises históricas do seu meio social; cada criação estética do seu génio está ligada às fases da implantação do regime constitucional parlamentar".

5. "Pode mais que a espada a voz e a pena", cantará Garrett. Mas ele combaterá com todas estas armas. Com a pena, com a espada e com a voz. Com a pena, através de uma escrita multifacetada, que vai desde a criação poética à refundação do teatro português, passando pelo ensaísmo, a que dará nova dimensão, à colaboração directa com Mouzinho da Silveira na redacção das leis que iriam transformar o país e, mais tarde, na elaboração das leis sobre Educação e em partes substanciais da própria Constituição. Sem esquecer os direitos de Autor, de que foi o primeiro a ocupar-se em Portugal.

6. Mas a revolução literária haveria ele de fazê-la na prosa e no teatro. Com as Viagens na minha Terra, Garrett reinventa a prosa portuguesa, abre o caminho à modernidade. É dele a palavra de ordem, formulada quando funda o Teatro Nacional: "Vamos a ser nós mesmos, vamos voltar à raiz". Enxertar na tradição nacional, reavivando-a, o novo estilo e as novas ideias trazidas da errância pela Europa. Cosmopolitismo e nacionalismo.

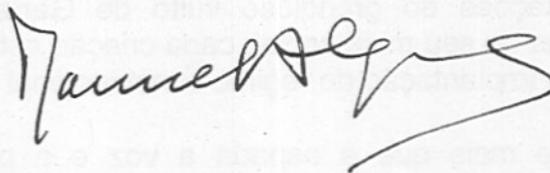
7. Mas não foi só com a pena que Garrett lutou pela liberdade na escrita e na vida. Como ele próprio diz na sua Auto-biografia, "as praias do Mindelo viram-no desembarcar de espingarda ao ombro e mochila às costas". A ele e ao seu amigo Alexandre Herculano. Com a pena, com a espada. E com a voz. Foi sem dúvida o maior tribuno do seu tempo. Poeta da liberdade, soldado da liberdade, legislador da liberdade, tribuno da liberdade, jornalista da liberdade.

8. A figura rara e única de Almeida Garrett merece por todas estas razões que a sua memória, o seu exemplo e os seus ensinamentos sejam preservados institucionalmente, para além das homenagens que um pouco por todo o país lhe têm sido prestadas pela toponímia. Há um importante legado cultural, cívico e moral a proteger, valorizar e divulgar, função que poderia ser desempenhada pela criação de uma casa-museu Almeida Garrett na rua Saraiva de Carvalho, como solicitado na petição de cidadãos que acima referimos.

9. No entanto, sabemos que a Câmara Municipal de Lisboa não lhe deu seguimento, em nome de direitos adquiridos que não contestamos mas que, neste caso específico, devem ser ponderados à luz do interesse público e da dívida cultural e cívica que é a nossa perante Garrett.

10. Por todas estas razões, nos termos legais e regimentais, requero ao Senhor Presidente da Assembleia da República, que, através da Senhora Ministra da Cultura, me sejam informados os procedimentos e deliberações que o Ministério pensa desencadear com vista à salvaguarda da casa onde viveu e morreu Almeida Garrett em Lisboa, designadamente se está a ser devidamente encarada a possibilidade de aí ser criada uma casa-museu onde possam vir a concretizar-se, sem prejuízo dos direitos que assistem aos actuais proprietários, os objectivos nacionais que se impõem.

O Deputado



Manuel Alegre

Palácio S. Bento, 7 de Abril de 2005